

CINEMA E LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR À TEORIA

CINEMA AND ENGLISH LANGUAGE IN HIGH SCHOOL: A LOOK AT THEORY

Maruana Kássia Tischer Seraglio¹
Fernando Rosseto Gallego Campos²

RESUMO

Este estudo objetiva identificar em documentos oficiais e em discussões de autores menções sobre o uso de cinema nas aulas de língua inglesa no ensino médio, sendo o cinema entendido como qualquer produção cinematográfica. A metodologia utilizada abrange uma pesquisa bibliográfica. O material de análise são trechos selecionados da Base Nacional Comum Curricular, dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de produções de autores que discutem o tema – como Duarte, Napolitano e Rajagopalan. As análises indicaram que os documentos oficiais consideram o cinema como recurso moderno e inovador e que contribui para um ensino mais crítico e tecnológico. Entretanto, há indícios do entendimento de que o cinema é um recurso fácil e simples se comparado com outros, como a literatura. Já os autores consultados enfatizam o cinema como ótima ferramenta no ensino crítico, no trabalho interdisciplinar e na cativação do estudante, e como um material autêntico.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Documentos Oficiais. Ensino. Teoria.

ABSTRACT

This study aims to identify in official documents and in authors' discussions references to the use of cinema in high school classes. The methodology used comprises a bibliographic research, having the corpora of analysis selected from the National Common Curriculum Base, the National Curricular Parameters and the Educational Guidelines Complementary to the National Curricular Parameters, in addition to productions of authors who discuss the subject – such as Duarte, Napolitano and Rajagopalan. The analyses indicated that official documents consider cinema as a modern and innovative resource, which contributes to a more critical and technological education. However, there are indications that cinema is seen as an easy and simple resource if compared to others, such as literature. On the other hand, the authors consulted emphasize cinema as a great tool in critical teaching, in interdisciplinary work and in the captivation of the student, besides being an authentic material.

KEYWORDS: Cinema. Official Documents. Teaching. Theory.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Inglesa vem sendo discutido e modificado com o passar do tempo, principalmente devido a influências dos processos de globalização e dos avanços tecnológicos no campo educacional. Assim, na constante busca por recursos para tornar o ensino de línguas cada vez mais interessante, contextualizado e eficiente, professores têm feito uso contínuo de séries, de filmes, de vídeos e de músicas. Entretanto, de acordo com Lemke (2015), ainda é muito difundida a ideia de que esses recursos só são utilizados quando não há o que ensinar ou quando o professor

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos. Bolsista CAPES. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Contato: maruana.seraglio@estudante.uffs.edu.br.

² Doutor em Geografia. Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Contato: fernando.campos@ifsc.edu.br.

titular não está presente. No entanto, o universo do cinema atrelado ao ensino de línguas pode ser uma excelente ferramenta no desenvolvimento de habilidades, no trabalho de temas, na produção de debates e no contato com materiais autênticos – língua em uso.

Contudo, para que isso ocorra de modo a contribuir no acesso a diferentes visões de mundo, é preciso que o professor tenha conhecimentos teóricos e metodológicos, para assim aplicar na prática o uso coerente de cinema no ensino de Língua Inglesa (NAPOLITANO, 2019). Isso posto, propomos um estudo cujo objetivo seja identificar e problematizar menções sobre o uso de cinema no ensino médio – tanto em escolas públicas quanto particulares – em documentos oficiais referentes à área de Linguagens e suas Tecnologias em diálogo com autores que pesquisam e que discutam sobre o tema, isto é, dando-se destaque para as perspectivas e as colocando sob um viés analítico. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica que articula os trechos analisados que abordam as relações entre cinema e ensino.

Este estudo se justifica pela importância da atualização constante de docentes que trabalham, especificamente nesta pesquisa, com línguas. Além disso, acreditamos que, para que ocorram mudanças em sala de aula e no ensino de modo geral – principalmente na educação básica – é necessário que estudos constantes sejam produzidos e divulgados para professores dessa área, para que, em intermédio do diálogo e da pesquisa, sejam discutidas e encontradas novas e sempre melhores formas de ensino, abandonando preconceitos – neste caso, com o cinema – e contribuindo para embasar abordagens que favoreçam o ensino crítico.

1 Esclarecimentos metodológicos

Antes de adentrarmos nas discussões sobre os conceitos relacionados ao ensino de Língua Inglesa no ensino médio a partir do cinema, julgamos importante esclarecer que a utilização do termo *cinema* neste estudo não tem relação somente ao uso de filmes, geralmente entendido e associado. Consideramos e utilizamos o termo *cinema* no mesmo sentido entendido por Miranda (2013), para quem cinema envolve filmes, séries, curta metragens, trailers, entre outros – sejam estas obras completas ou trechos/cenas específicas. Desse modo, em nossa concepção, cinema compreende qualquer produção dentro do universo cinematográfico.

A partir de uma metodologia de pesquisa bibliográfica, os materiais selecionados para análise e para discussão são trechos referentes à área de Linguagens e suas Tecnologias em três documentos oficiais brasileiros: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+). Além disso, em um segundo momento, dialogamos com autores que discutem sobre ensino com cinema, buscando compreender os novos caminhos que o cinema proporciona para professores e para alunos do ensino médio. Entre estes autores, destacamos os estudos de Duarte (2009), de Napolitano (2019) e de Rajagopalan (2003).

Esses diálogos são organizados em duas partes. A primeira aborda o ensino de inglês com cinema a partir, principalmente, da perspectiva dos documentos oficiais já citados, dividindo-se em dois eixos: as disputas entre cinema e literatura, e o entendimento do cinema como recurso atual. Já a segunda parte trata dos novos horizontes vislumbrados para o ensino com cinema, os quais são voltados ao ensino crítico e interdisciplinar, aos materiais autênticos, às habilidades específicas e aos conteúdos e temas da disciplina de língua inglesa.

2 Documentos oficiais e o ensino de Inglês com cinema

A educação brasileira é regida por documentos oficiais elaborados e discutidos por representantes de suas respectivas áreas e também do Estado. Essas diretrizes buscam regular e determinar questões relacionadas ao ensino, com o propósito de estabelecer habilidades e conhecimentos gerais a serem aprendidos por todos os estudantes brasileiros. Apesar disso, existem algumas controvérsias, na perspectiva de professores, de que essas orientações se distanciam da

realidade das escolas brasileiras e que as condições dadas são insuficientes para atender as demandas dos documentos.

Contudo, mesmo considerando esse debate de extrema importância, não nos aprofundaremos sobre o tema – recomendamos as obras de Galian (2014) e de Medeiros (2019), as quais abordam o assunto –, visto que nossa finalidade ao discutir sobre documentos oficiais é perceber como eles articulam e refletem sobre o ensino de Língua Inglesa atrelado ao uso de cinema. Nessa perspectiva, selecionamos três documentos oficiais (BNCC, PCNs e PCN+) e apresentamos fragmentos destes que abordam os temas previamente mencionados.

Por meio das análises, observamos que o uso de cinema aparece em outras disciplinas além da Língua Estrangeira, como em Língua Portuguesa e Artes. Foram analisados alguns trechos dessas disciplinas, na medida em que pensamos o ensino, bem como o cinema, de modo interdisciplinar. Existem diversas definições para interdisciplinaridade, entre elas, Fazenda (2008, p. 119) diz que “interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão”, ou seja, é uma prática que vai contra a fragmentação do conhecimento.

Piaget (1979) compreende a interdisciplinaridade como um nível de associação entre as diversas disciplinas, ocorrendo cooperação, intercâmbio e enriquecimento dos conhecimentos construídos. Com relação ao cinema, Napolitano (2019, p. 27) afirma que em uma abordagem interdisciplinar, com professores de diferentes disciplinas, “o filme é abordado em suas diversas perspectivas, sendo extraído o máximo de informações e questões para debate”. Assim, a interdisciplinaridade se apresenta como necessidade e como possibilidade de inovação nas práticas escolares.

2.1 Cinema e literatura: disputas e equilíbrio

Os documentos oficiais concebem o uso de cinema nas aulas como estratégia de possibilitar aos alunos acesso e contato com obras literárias – por meio de adaptações cinematográficas –, desde que haja cuidado para que não ocorra mera troca de um por outro: “é possível e desejável que se trabalhe com HQs, filmes, animações, entre outras produções, baseadas em obras literárias, incluindo análises sobre seus processos de produção e recepção. O que deve ser evitado é a simples substituição dos textos literários por essas produções” (BRASIL, 2017, p. 491, grifos nossos). Assim, a BNCC (2017) entende que o uso de cinema permite acesso a obras literárias, mas exige cuidado para que ocorram análises da obra e não mera substituição. Entendemos que o cuidado com uma simples troca do livro para o cinema, mencionado pelo documento, não é adequado, pois o filme se trata de uma nova obra e não uma cópia do livro, logo os olhares voltados a um ou a outro devem ser diferentes.

Ademais, frente à falta de interesse dos alunos pela leitura, os filmes têm estado mais presentes durante as aulas. Contudo, a BNCC (2017) chama a atenção para a substituição da leitura de obras, ao dizer que

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa *simplificação didática*, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm *relegado o texto literário a um plano secundário do ensino*. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (BRASIL, 2017, p. 491, grifos nossos).

Consideramos que o documento busca discutir sobre a necessidade de abordar o texto literário, inclusive a própria relação entre literatura e leitura. Todavia, observamos certa discriminação quanto ao uso de recursos fílmicos, identificada pelo deslize de sentido (ORLANDI,

2015) provocado pelo uso de *simplificação didática*. Isto é, é dado maior *status* à leitura de obras literárias, dando a entender que utilizar filmes durante as aulas não exige esforço – ou exige menos esforço – por parte do professor e/ou do aluno, e que deste modo deve ocupar lugar de menor importância. Em oposição a isso, Duarte (2009, p. 16) afirma que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. A autora ainda discorre sobre os meios educacionais – e aqui podemos mencionar os documentos oficiais regulamentadores –, que veem os recursos audiovisuais como meros complementos “de atividades verdadeiramente educativas” (DUARTE, 2009, p. 18).

Napolitano (2019) também reitera que o desinteresse dos alunos para com a leitura e com a educação como um todo é um fator muito complexo, que envolve aspectos políticos e sociais, logo não de responsabilidade do uso didático de cinema, entendido muitas vezes como mais prático do que a leitura de determinada obra literária. Além disso, o cinema pode funcionar como ferramenta para instigar o aluno sobre determinada obra ou tema e assim levá-lo a buscar outras fontes, como os livros.

Desse modo, percebemos que uma mudança sobre a concepção e a relevância do uso de cinema na educação perpassa pela desconstrução de (pre)conceitos relacionados, bem como pelo acesso a conhecimentos sobre o tema. Isso já é perceptível nas PCN+, os quais fazem referência ao uso de cinema em aula como forma de desenvolvimento de competências de análise crítica:

Impossível não trazer para a escola a *linguagem da televisão como objeto de estudo*, assim como as linguagens que usam o computador como suporte. A compreensão dos processos empregados na mídia e na internet é uma *competência exigida para a preparação do cidadão crítico da atualidade*. Trabalhos de “tradução” intersemiótica (poema para quadro; quadro para poema; texto narrativo para filme...) podem *auxiliar na aquisição e no desenvolvimento dessa competência analítica* (BRASIL, 2006, p. 26, grifos nossos).

Compartilhamos dessa visão sobre o ensino atrelado ao uso de cinema. Contudo, assim como declara Duarte (2009, p. 19), os livros são considerados “bens fundamentais” a despeito dos filmes, que “ainda aparecem como coadjuvantes na maioria das propostas de política educacional”. Apesar disso, entendemos que o uso de recursos como filmes, enquanto objeto de estudo nas aulas, possibilita aprimorar a análise crítica da realidade por parte dos alunos do ensino médio. Deste modo, o contato com filmes estrangeiros permite também acesso a diferentes culturas e visões de mundo e que deve ser utilizado como recurso pelos professores (NAPOLITANO, 2019).

2.2 Cinema como recurso moderno e inovador

Os documentos oficiais, ao se proporem servir como orientações educacionais, buscam discutir sobre recursos tecnológicos que interessem os jovens, visto que

A vida do jovem está cada vez mais *marcada pela leitura de imagens e palavras* cujo suporte é a mídia eletrônica (tevé, vídeo, cinema, computador etc.), provocando *novas maneiras de constituir-se* como leitor e escritor, assim como *novas formas de estar* neste mundo marcado pela *cultura tecnológica*, de *compreendê-lo e interferir* nele (BRASIL, 2006, p. 227, grifos nossos).

Dessa maneira, entendemos que a utilização de filmes contribui para a constituição do aluno enquanto sujeito que significa e que ressignifica sua posição na sociedade, podendo refletir sobre isso e intervir quando necessário. Além disso, “a *análise de outras linguagens* como a televisual, a cinematográfica, a radiofônica e a mais nova delas, a informática, pode sugerir o *encontro*, cada vez mais profícuo, nos processos comunicativos, dos *sistemas de linguagens*” (BRASIL, 2000, p. 65, grifos

nossos). Sobre essas linguagens, Duarte (2009, p. 33) diz que “imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos”, entre outros elementos, contribuem para uma linguagem rica que produz diversos significados. Logo, a linguagem cinematográfica aprimoraria os processos comunicativos dos estudantes; afinal, os significados emanam pelo conjunto encontrado na obra, que pode ser transferido para qualquer outro material a ser interpretado no cotidiano.

No campo cinematográfico, este conhecimento linguístico ajuda a “dar sentido às suas narrativas, aprimora nossa competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente a experiência com filmes” (DUARTE, 2009, p. 34). Esta *competência para ver* envolve a observação e a análise de alguns elementos que compõem a obra, como imagem fílmica, iluminação, enquadramentos, ângulos, movimentos e planos da câmera, figurinos, cenários, cores, metáforas, montagens, elipses, ligações, transições, símbolos, sons, entre outros (SANTOS; GORDO; SANTOS, 2020), sendo que a compreensão dos recursos utilizados na linguagem fílmica auxilia no entendimento do universo cinematográfico em uma perspectiva crítica.

Além disso, considerando que pode haver ensino descontextualizado ao se priorizar o trabalho somente com habilidades específicas da língua, o uso de cinema surge como uma maneira de também aprimorar as habilidades específicas da língua, mas de modo mais real e mais interessante:

Há elementos textuais em *língua estrangeira* que podem estar relacionados a seus equivalentes na *língua materna* ou a outros códigos estrangeiros, no âmbito morfológico, sintático ou semântico. A *correlação possibilita a compreensão desses elementos*. Por exemplo: as legendas, em Português, de filmes estrangeiros podem ser objeto de estudo quanto ao aspecto da tradução e adequação da transposição linguística (BRASIL, 2006, p. 97, grifos nossos).

Entendemos que o professor precisa planejar suas aulas de modo a atingir objetivos estabelecidos. Podemos pensar o uso de cinema para desenvolver uma habilidade específica da língua, como o *listening*, por exemplo. Neste caso, as atividades utilizadas durante a(s) aula(s) serão determinantes para que os alunos desenvolvam essa habilidade. Isso ocorre porque, segundo Gumesson (2010), materiais audiovisuais contribuem para o ensino de Língua Inglesa quando são bem avaliados e bem utilizados pelos professores em aula, estimulando nos aprendizes o desenvolvimento das quatro principais habilidades da língua (*listening, reading, writing e speaking*).

Isto posto, fica visível que os recursos cinematográficos permitem o ensino de Língua Inglesa de modo atual e atraente, possibilitando a análise e o pensamento crítico dos alunos sobre sua realidade, bem como o contato e a reflexão sobre outras realidades, além da compreensão de diferentes elementos que compõem este universo linguístico. É evidente que as diferentes realidades de cada escola podem possibilitar ou dificultar o uso de recursos como o cinema nas aulas, mas é interessante observar como ele se apresenta como ferramenta adaptável e atraente; afinal, ele se constitui enquanto material autêntico, podendo ser utilizado, de acordo com a abordagem do professor, como fonte para discussões que envolvam uma análise crítica.

3 Ensino e cinema: novos horizontes

Com base nos apontamentos trazidos em discussão pelos documentos oficiais que regem a educação brasileira, dialogamos agora com outros pensadores e pesquisadores da área. Entendemos que o uso de cinema em aulas de Língua Inglesa pode ser entendido a partir de três grandes eixos. O primeiro diz respeito ao uso de cinema atrelado ao ensino crítico e interdisciplinar nas aulas de Língua Inglesa, abordando temas de caráter social e que envolvem o aluno e o fazem refletir sobre sua realidade. O segundo eixo se baseia no conceito de cinema enquanto material autêntico, o qual instiga e motiva o aluno com relação ao estudo do idioma e a questões envolvidas nesse processo. E por fim, o uso de cinema como possibilidade de aprimoramento de habilidades específicas da língua, assim como de debate e de abordagem sobre conteúdos e temas abrangentes.

Esclarecemos que entendemos estes núcleos como um só corpo no ensino de Língua Inglesa atrelado ao cinema, mas, para melhor entendimento do leitor, estes são discutidos separadamente.

3.1 Novos horizontes para o ensino crítico e interdisciplinar

O professor, ao ser mediador, proporciona leituras que ultrapassam o prazer, “incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar” (NAPOLITANO, 2019, p. 15). Essa percepção vai ao encontro do que defende Duarte (2009), no sentido de o cinema contribuir para a construção de sujeitos mais críticos. Para a autora, esse é o principal interesse na área educacional envolvendo cinema, pois “parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais” (DUARTE, 2009, p. 18).

Aliás, todos esses aspectos, como experiências, referências e visões de mundo, interferem na interpretação de quem assiste ao filme. Logo, a compreensão desses mecanismos por parte dos alunos contribui para uma pluralidade de opiniões; afinal, ao falarmos sobre determinado filme estamos significando-o a partir de vivências adquiridas até aquele momento (DUARTE, 2009). Portanto, o uso de cinema se constrói como instrumento interdisciplinar, pois o tema de cada filme pode “ser relacionado a outros conteúdos curriculares, pode ter um caráter interdisciplinar, abrir fronteiras, constituindo-se em objeto de interesse de várias áreas do saber” (ARAUJO; VOSS, 2009, p. 128).

Dando sequência a essa perspectiva, Duarte (2009), ao ler Bourdieu (1979), diz que a experiência com o cinema favorece o desenvolvimento de uma chamada “competência para ver”, ou seja, uma tendência para “analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica” (DUARTE, 2009, p. 13). Essa competência seria adquirida não somente ao assistir filmes, mas tudo o que rodeia o mundo cinematográfico, assim como o ambiente cultural que o envolve. A autora também fala em “ensinar a ver” (DUARTE, 2009, p. 67), no sentido de instigar a interpretação e a discussão do que é assistido, trazendo a prática do cinema para o cotidiano escolar. Também ressalta que o contato com o cinema diz respeito a uma prática social. Isso significa que grupos sociais que têm mais acesso ao cinema em diferentes períodos de suas vidas, geralmente, desenvolvem percepções diferentes sobre o que estão assistindo. Assim, a escola deve ser local de acesso aos grupos que não têm tanto contato com o cinema.

Ademais, Duarte (2009) diz que os filmes representam e retratam diversas questões sociais de extrema relevância que podem e que devem possibilitar debates e construções críticas; afinal, assistir a filmes é tão importante quanto ler obras literárias. A autora, entretanto, afirma haver determinada discriminação com relação ao uso de cinema como leitura devido ao entendimento de que “a relação com produtos audiovisuais (cinema e tevê, principalmente) atua de modo negativo na formação de leitores e contribui para o desinteresse por atividades pedagógicas assentadas em linguagem escrita” (DUARTE, 2009, p. 19). Essa atitude pode ser observada tanto entre estudantes e professores quanto em documentos oficiais, como verificado anteriormente.

Na perspectiva do ensino crítico, é relevante discutirmos a respeito do conceito de letramento midiático crítico. Caprino, Pessoni e Aparício (2013) observaram que discussões a respeito do letramento midiático ganharam força a partir de 1970, considerando que a mídia envolve elementos chave:

Todas as mensagens midiáticas são construídas; as mensagens midiáticas são construídas usando uma linguagem criativa com suas próprias regras; diferentes pessoas experimentam a mesma mensagem midiática de maneiras diferentes; a mídia incorpora valores e pontos de vista; muitas mensagens midiáticas estão organizadas para obter lucro ou poder (CAPRINO; PESSONI; APARÍCIO, 2013, p. 16).

Todavia, a principal definição utilizada atualmente sobre o letramento midiático crítico foi desenvolvida por Aufderheide (1992), o qual entende que

Uma pessoa letrada em mídia – e todos devem ter a oportunidade de se tornar um – tem capacidade de acessar, analisar, avaliar e produzir mídia impressa e eletrônica. O objetivo fundamental da alfabetização midiática é a relação de autonomia crítica com todas as mídias. As ênfases no treinamento em letramento midiático variam amplamente, incluindo cidadania informada, apreciação e expressão estéticas, defesa social, autoestima e competência do consumidor. A gama de ênfases se expandirá com o crescimento do letramento midiático (AUFDERHEIDE, 1992, n. p., tradução nossa)³.

Desse modo, o letramento midiático crítico busca o desenvolvimento de competências e de habilidades que promovam a independência crítica do cidadão sobre o universo comunicacional da sociedade em que vive. Assim, não basta que o sujeito – em nosso caso, o aluno – tenha conhecimentos ou domínio sobre as mídias ou as tecnologias, mas que a partir desse domínio possa compreender criticamente todos os aspectos envolvidos no processo de produção, de divulgação, de linguagem e de público-alvo de determinado produto midiático (AUFDERHEIDE, 1992).

Além disso, na visão de Rajagopalan (2003, p. 69), o processo de ensino e de aprendizagem de uma língua estrangeira envolve redefinir identidades, “pois as línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo, quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade”. Assim, o uso de cinema em aulas de Língua Inglesa permite e instiga os alunos a serem críticos, a interpretar e a verem o mundo de diferentes e de novas maneiras, (trans)formando identidades. Para Napolitano (2019), o que diferencia principalmente a prática de uso de cinema no ensino médio é a investigação crítica e mais complexa sobre determinado tema abordado na obra escolhida.

Não podemos deixar de mencionar Paulo Freire (2002) sobre uma pedagogia libertadora, que entende educador e educando juntos na tarefa de refletir e de aprender para a libertação de ambos. Nessa mesma trajetória, concordamos com Pacheco (2016, p. 92), que compreende o cinema como “linguagem que possibilita que educador e educando desenvolvam o exercício desta pedagogia libertadora, que possibilita que os indivíduos participem, aprendam a ‘pensar’, a analisar criticamente, não apenas o cinema, mas a vida, a política, o cotidiano, a si próprios e aos outros”. Logo, pensamos o ensino com cinema enquanto modo de praticar uma pedagogia democrática, participativa e ativa.

3.2 Novos horizontes para o uso de materiais autênticos

Ao refletir sobre a história do cinema, Duarte (2009) afirma que a proposta inicial tratava de representar em imagens hábitos e valores diversos ao redor do mundo. Assim, o cinema funciona(va) como forma de entrar em contato com diferentes culturas. Já com a evolução tecnológica no campo cinematográfico, os filmes passam a mostrar e a criar realidades, tornando-os em “uma arte inquieta demais e rebelde o suficiente” (DUARTE, 2009, p. 25), de modo a romper com a forma padrão de contar histórias.

Entendemos que o cinema funciona enquanto material autêntico para contato com culturas e enquanto ferramenta para o ensino crítico. Dizemos autêntico por ser um *texto* original, que não

³ Do original: *A media literate person- and everyone should have the opportunity to become one- can access, analyze, evaluate, and produce both print and electronic media. The fundamental objective of media literacy is critical autonomy relationship to all media. Emphases in media literacy training range widely, including informed citizenship, aesthetic appreciation and expression, social advocacy, self-esteem, and consumer competence. The range of emphases will expand with the growth of media literacy.*

foi alterado ou fabricado para fins didáticos. Para Edelhoff (1985, p. 05 *apud* ANDRADE E SILVA, 2017, p. 04), “‘autêntico’ deve denotar o contrário de ‘criado’, ‘fabricado’, ‘não-real’”, ou seja, a utilização didática de filmes com fins comerciais, caracteriza-os enquanto materiais autênticos. Contudo, o autor (1985) destaca que é preciso ter atenção ao trabalhar com esses materiais, para que não percam essa autenticidade e, conseqüentemente, suas marcas. Nesse mesmo sentido, Almeida (2017, p. 07) chama atenção para uma “pedagogização do cinema”, ou seja,

Assim instrumentalizado, o filme deixa de operar esteticamente, deixar de ser obra de pensamento, de criação, perde sua condição de resistência, de desnaturalização, desveste-se de seu imaginário e de sua condição de obra de arte para servir a propósitos didático-pedagógicos que o transformam em referente de um significado que está em outro lugar que não no próprio filme (ALMEIDA, 2017, p. 07).

Isto posto, entendemos que o uso de cinema nas aulas enquanto material autêntico é de suma importância. Entretanto, é preciso ter atenção ao seu uso, pois este não deve perder seus traços característicos e que contribuem para a transformação do aluno, de um espectador passivo para um espectador crítico. Logo, o cinema pode ser um recurso para o processo de ensino e de aprendizagem, mas o professor precisa utilizá-lo sem torná-lo algo que cumpra apenas com a proposta pedagógica, deixando de lado o seu caráter artístico, social e político.

Deste modo, a “autenticidade no ensino é promovida pelo uso de materiais autênticos, os quais propiciam a possibilidade de criar situações autênticas na sala de aula, por exemplo, no trabalho com as novas mídias” (FAISTAUER, 2005, p. 13 *apud* ANDRADE E SILVA, 2017, p. 06). Assim, acreditamos que, se bem estruturados, cinema, material autêntico e ensino contextualizado caminham juntos e possibilitam novos horizontes na educação.

3.3 Novos horizontes para o aprimoramento de habilidades e a abordagem de conteúdos e de temas

Miranda (2013) aponta que estudos recentes envolvendo filmes nas aulas de língua estrangeira mostraram que este uso contribui para o aprendizado, pois melhora a compreensão dos alunos, aumentando sua motivação e os envolvendo nas aulas. A autora (2013) afirma que, independentemente da quantidade de tempo utilizada, é necessário e pertinente fazer uso de cinema nas aulas, pois é possível promover debates de temas e/ou de ideias “que promovam o exercício da cidadania, a consciência da liberdade do eu e dos outros, que lancem a discussão sobre questões [...] que ajudem o indivíduo em crescimento a discriminar sobre si próprio, os seus sentimentos e os dos outros e os valores pelos quais se rege enquanto ser social” (MIRANDA, 2013, p. 12).

Napolitano (2019) aponta que o uso de cinema pode ser abordado conforme um determinado tema, mas que também pode envolver conteúdos diversos, proporcionando também um trabalho interdisciplinar. Além disso,

O trabalho sistemático e articulado com filmes em salas de aula (e projetos escolares relacionados) ajuda a desenvolver competências e habilidades diversas, tais como leitura e elaboração de textos, aprimoram a capacidade narrativa e descritiva; decodificam signos e códigos não-verbais; aperfeiçoam a criatividade artística e intelectual; desenvolvem a capacidade de crítica sociocultural e político-ideológica (NAPOLITANO, 2009, p. 18-19).

Nesse mesmo sentido, Napolitano (2019) destaca que seu uso, quando atrelado ao olhar cuidadoso do professor, ao selecionar trechos específicos, por exemplo, possibilita o aperfeiçoamento da habilidade de compreensão oral e também sua sofisticação ao entrar em contato com sotaques e gírias particulares. Nesse sentido, Araujo e Voss (2009) dizem que o uso

objetivo de cinema, além de aprimorar a compreensão e a consolidação estrutural da língua estudada, também possibilita agregar novos vocabulários associados a situações reais.

Para Napolitano (2019, p. 11-12), “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”. Na tentativa de tornar os filmes mais acessíveis, a indústria cinematográfica “procurou criar uma forma de narrar que cruzasse diferentes codificações culturais [...] de diferentes nacionalidades” (DUARTE, 2009, p. 45). Esse movimento de contato e de divulgação de diferentes culturas pode e deve ser explorado em sala de aula, proporcionando contato aos alunos.

Assim, o professor desempenha papel central ao lado do estudante, pois cabe a ele reconhecer a realidade e o nível de conhecimento dos alunos na Língua Inglesa, escolhendo o recurso cinematográfico de acordo com a temática e os objetivos a serem alcançados. Conforme Gumesson (2010, p. 533), esse movimento deve ser feito de modo que “além de contemplar o planejamento anual da disciplina, seja relevante interdisciplinar e/ou socioculturalmente”. A autora ainda diz que esses materiais autênticos podem ser utilizados para fins didáticos, sem que a essência destes seja perdida, motivando os alunos e trazendo benefícios linguísticos e aprimoramentos de habilidades específicas. Além disso, Napolitano (2019, p. 44) destaca que “o moderno ensino de línguas estrangeira se preocupa tanto em ensinar as regras gramaticais e de pronúncia”, que se esquece de inserir o estudante na cultura da língua-alvo, sendo que o cinema surge como uma possibilidade. Logo, é preciso ter cuidado para que o trabalho com questões gramaticais e de pronúncia não seja o foco exclusivo no processo de ensino, mas parte integrante.

Após essa caminhada teórica, podemos dizer que o uso de cinema em sala de aula, além de promover contato com culturas, ideologias e valores sociais diferentes e de possibilitar o aprimoramento de habilidades específicas, também incentiva o aluno a observar de modo crítico a composição da história, as imagens construídas, e também a mensagem proposta pelo recurso cinematográfico em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, retomamos as discussões realizadas visando verificar se o objetivo traçado no início dessa caminhada foi alcançado – isto é, identificar e problematizar menções sobre o uso de cinema no ensino médio em documentos oficiais referentes à área de Linguagens e suas Tecnologias em diálogo com autores que pesquisam e que discutam sobre o tema, isto é, dando-se destaque para as perspectivas e as colocando sob um viés analítico.

Por intermédio de um olhar crítico sobre o material de análise, oriundo dos documentos oficiais da BNCC (2017), PCN (2000) e PCN+ (2006), foi possível identificar alusão ao universo cinematográfico. Primeiramente, os documentos concebem o uso do cinema como recurso moderno e inovador, mas que deve ser moderado pelo professor com relação à associação dele com a leitura, de modo que não desmotive a leitura das obras e que não funcione como mera troca. Entretanto, consideramos que o filme, por exemplo, trata de uma nova leitura de uma obra e, portanto, não deve ser comparado com uma obra literária. Ademais, os documentos produzem o efeito de sentido de que o trabalho com cinema seria *mais fácil* para o professor – identificado por meio da expressão de “simplificação didática”. Há ocorrência de alusão do cinema como forma de desenvolvimento de competências de análise crítica, como forma de ensino tecnológico – e, portanto, mais interessante – e como forma de ensino contextualizado e que contribui no aprimoramento de habilidades específicas.

Com relação aos autores com os quais foram estabelecidos diálogos, percebemos falas similares sobre o uso de cinema como ferramenta interdisciplinar, ampla, crítica e autêntica. Assim, o cinema é uma excelente ferramenta para o ensino crítico, pois contribui para um espectador mais exigente e mais crítico. Ademais, um mesmo material cinematográfico aborda diversos temas e envolve diversas disciplinas, abrindo fronteiras para um ensino interdisciplinar. O letramento

mediático também é uma maneira de contribuir no criticismo dos estudantes do ensino médio, visto que é necessário que o espectador compreenda criticamente todos os aspectos envolvidos nos processos de determinado produto midiático. Além disso, por ser um material autêntico – isto é, por não ter sido criado com o único objetivo didático –, consegue cativar os estudantes, os quais desenvolvem diversas habilidades.

Assim, consideramos que os documentos oficiais e os autores da área estabelecem diálogos entre si, mesmo que os documentos oficiais ainda tenham alguns equívocos sobre o uso didático do cinema. Entendemos que, apesar de ainda muito distantes das práticas pedagógicas reais, estas discussões são ainda de extrema importância, pois estabelecem as bases e as orientações a serem seguidas. Logo, cabe aos docentes estar em formação contínua e buscar por novos e por melhores mecanismos de ensino e de aprendizagem em sociedades em processo constante de mudanças. É evidente que as propostas dos documentos oficiais e dos autores consultados se baseiam em estudantes, em turmas e em escolas ideais – sem diferenças de níveis no idioma, por exemplo. Todavia, consideramos que, apesar de voltados para contextos irreais, as discussões propostas são necessárias e devem ser analisadas, uma vez que seria utópico “dar conta” de todas as diversidades que um docente enfrenta cotidianamente. Portanto, é preciso investigar as teorias e adaptá-las da melhor maneira para atender as necessidades que vão surgindo ao longo da caminhada do “ser” professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. de. Cinema e Educação: Fundamentos e Perspectivas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. n. 33, e153836. 2017.

ANDRADE E SILVA, M. K. de. Autenticidade de materiais e ensino de línguas estrangeiras. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 20, n.31, p.1-29, jul./ago. 2017.

ARAÚJO, A. R. de; VOSS, R. C. R. Cinema em sala de aula: identificação e projeção no ensino/aprendizagem da Língua Inglesa. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan/jun. 2009.

AUFDERHEIDE, P. **Aspen Media Literacy Conference Report – part II: proceedings and next steps**. Washington, DC: Aspen Institute, 1992. Disponível em: <http://www.medialit.org/reading-room/aspen-media-literacy-conference-report-part-ii>. Acesso em: 21 de ago. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>>. Acesso em: 22 de abr. 2020.

BRASIL. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>>. Acesso em: 22 de abr. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (Ensino Médio)**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio>>. Acesso em: 08 de abr. 2020.

BOURDIEU, P. **La Distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

CAPRINO, M. P.; PESSONI, A.; APARÍCIO, A. S. M. Mídia e Educação: A necessidade do Multiletramento. **Comunicação e Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26, p. 13-19, jan/jun. 2013.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

EDELHOFF, C. (Org.). Authentische Texte Im Deutschunterricht: Einführung und Unterrichtsmodelle. Munique: Hueber, 1985. In: ANDRADE E SILVA, M. K. de. Autenticidade de materiais e ensino de línguas estrangeiras. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 20, n.31, p.1-29, jul./ago. 2017.

FAISTAUER, Renate. Methoden, Prinzipien, Trends? – Anmerkungen zu einigen methodischen Grundsätzen für den Unterricht von Deutsch als Fremdsprachen. ÖDaF-Mitteilungen. In: ANDRADE E SILVA, M. K. de. Autenticidade de materiais e ensino de línguas estrangeiras. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 20, n.31, p.1-29, jul./ago. 2017.

FAZENDA, I (Orgs.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

GALIAN, C. V. A. Os PCN e a elaboração de propostas curriculares no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. Vol. 44. N. 153. São Paulo, 2014.

GUMESSON, D. W. B. A utilização de vídeos em aulas de Inglês para o Ensino Médio. **Polyphonia**, v. 21/2, jul/dez. 2010.

LEMKE, L. L. O cinema em uma abordagem interdisciplinar como recurso motivador na aprendizagem de língua inglesa. **Cadernos PDE**. Versão Online. Curitiba, PR. 2015.

MEDEIROS, P. V. S. **A BNCC na sala de aula**: perspectivas docentes. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Anais, Campina Grande: Realize Editora, 2019.

MIRANDA, C. S. S. **O cinema em sala de aula**: a utilização de filmes em contexto de sala de aula. Universidade do Minho, 2013.

NAPOLITANO, M. **Como usar cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2019.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

PACHECO, R. Reflexões sobre o campo do cinema e educação. **Revista Teias**, v. 17. n. 47. jan./mar. 2016.

PIAGET, J. La epistemología de las relaciones interdisciplinarias. In: APOSTEL, L. et al. **Interdisciplinarietà**: problemas de la enseñanza y de la investigación e las universidades. México: Asociación Nacional de Universidades e Institutos de Enseñanza Superior, 1979.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTOS, M. A. R; GORDO, M. E. S. C.; SANTOS, C. A. F. F. Análise fílmica e educação: metodologia e necessidades formativas docentes. **Revista Educação e Cultura Contemporânea.** v. 17. n. 47, p. 50-78, 2020.

Submetido em 21-03-2022

Aceito em 14-06-2022